

GRUPO TECER CUIDADOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA A UNIVERSITÁRIOS DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ – CE

Group Weaving Care: experience report on psychological assistance to university students in the city of Quixadá-CE

Isabela Damasceno Torres¹
Carlos Eduardo Menezes Amaral²

Artigo encaminhado:17/09/2024
Artigo aceito para publicação:31/03/2025

RESUMO

Este artigo sistematiza a experiência de dois psicólogos residentes na facilitação do Grupo Tecer Cuidados, um grupo terapêutico voltado para atender demandas em saúde mental de universitários de um município cearense. Tratou-se de uma estratégia que contribuiu e ampliou o cuidado em saúde mental na Atenção Primária à Saúde no município. Verificou-se que o grupo ofertou um espaço de cuidado aos estudantes e lhes possibilitou o autoconhecimento, a ampliação da consciência de si e das emoções bem como o desenvolvimento e fortalecimento de habilidades e competências. Para além dessa assistência, também houve a evolução do manejo clínico das intervenções realizadas pelos profissionais na medida em que a relação deles com o grupo era construída, resultando em crescimento e desenvolvimento psíquico tanto dos profissionais quanto dos estudantes em um processo dialético.

Palavras-chave: Saúde Mental. Terapia de grupo. Saúde do estudante. Serviços de saúde para universitários. Atenção primária à saúde.

ABSTRACT

This article systematizes the experience of two psychologists residents in the facilitation of the Tecer Cuidados Group, a therapeutic group aimed at meeting the mental health demands of university students in a municipality in Ceará. It was a strategy that contributed and expanded mental health care in Primary Health Care in the municipality. It was found that the group offered a space of

¹ Psicóloga clínica. Especialista na modalidade residência em Saúde da Família e Comunidades (ESP/CE). Servidora Pública do Centro Especializado em Reabilitação Benômia Maria Rebouças (CER IV) em Mossoró/RN. E-mail: isabela.dt@hotmail.com

² Psicólogo. Docente do departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: caduamaral@gmail.com

care to students and enabled them to self-knowledge, the expansion of self-awareness and emotions as well as the development and strengthening of skills and competences. In addition to this assistance, there was also an evolution in the clinical management of interventions performed by professionals as their relationship with the group was built, resulting in growth and psychic development of both professionals and students in a dialectical process.

Keywords: Mental health. Group therapy. Student health. Student health services. Primary health care.

1 INTRODUÇÃO

O Grupo Tecer Cuidados (GTC) foi criado como um grupo terapêutico para atender demandas de universitários em sofrimento psíquico do município de Quixadá - CE, evidenciando-se a necessidade de se ampliar estratégias no cuidado em saúde mental. O GTC foi facilitado por dois profissionais psicólogos da Residência Integrada em Saúde (RIS) da Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE) e foi ofertado em encontros semanais entre os meses de agosto a novembro de 2019.

É consenso entre pesquisadores que laços sociais, vínculos, espaços de escuta e compartilhamento da dor são estratégias que devem ser fortalecidas nos locais destinados à produção de saúde (Osorio, 2007). As ações de saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS), por exemplo, possibilitam o exercício de uma clínica solidária e integral do sujeito (Souza; Rivera, 2010).

Experiências de cuidado como o GTC podem contribuir para as discussões e ampliações de práticas de saúde mental desenvolvidas na APS, fomentando reflexões relativas ao cuidado e assistência ao usuário do Sistema Único de Saúde (SUS). Adicionalmente, é uma experiência com resultados positivos, deixa-se o legado de uma estratégia de cuidado em saúde mental a qual gestores podem incorporá-la em seus programas governamentais.

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo sistematizar a experiência da assistência de psicologia aos universitários do município de Quixadá - CE realizada através do Grupo Tecer Cuidados.

1.1 Sofrimento mental de universitários

Estudos mostram uma alta prevalência de transtornos mentais na população universitária quando comparada à população geral. Estima-se que entre 15% e 25% dos estudantes universitários sofrem algum transtorno psiquiátrico (Victoria *et al.*, 2013; Penha; Oliveira; Mendes, 2020).

Ansiedade, depressão e estresse são alguns desses sofrimentos psíquicos desenvolvidos durante o período. Alguns estudos buscam relacionar fatores acadêmicos e de carreira com a saúde destes universitários, como curso e área do conhecimento em que estão inseridos, indicando que constituem possíveis estressores ou fatores de risco à saúde mental (Arino; Bardagi, 2018).

A entrada na universidade, por vezes, se revela uma experiência em que os acadêmicos experienciam alterações em suas rotinas a partir da mudança do seu ciclo de convívio social, excesso de carga horária de estudo, demandas de organização, gerenciamento de tempo, estratégias de estudo, novas rotinas de sono (Arino; Bargadi, 2018), exigindo estratégias de adaptação para lidar com as novas exigências. As autoras sugerem que o processo de saúde dos acadêmicos pode ter relação direta com as estratégias de enfrentamento, já que, quando aplicadas, podem favorecer uma melhora na qualidade de vida e bem-estar e demais aspectos de saúde desta população.

A resposta às novas demandas difere em cada indivíduo, uma vez que sua percepção sobre as situações influencia no grau de estresse sofrido. Algumas reações físicas e emocionais podem ser desencadeadas, tais como insônia, irritabilidade, depressão, ansiedade, fadiga e falta de apetite (Barros; Wilhelm, 2018; Carleto *et al.*, 2018). Esses sofrimentos muitas vezes não são mapeados e cuidados de imediato, inclusive menosprezados por profissionais de saúde. O devido acolhimento pode evitar ou minimizar agravos físicos e psicológicos decorrentes (Carleto *et al.*, 2018).

Os danos à saúde mental dos estudantes universitários têm aumentado em número e gravidade, configurando-se um enorme desafio para os serviços de saúde (Carleto *et al.*, 2018). Analisando o contexto vivido por estes acadêmicos, deve-se pensar em modelos de intervenções voltados ao devido cuidado integral.

1.2 Psicoterapia de Grupo como estratégia de Saúde

Nesse contexto, algumas estratégias podem ser desenvolvidas dentro do SUS, como o atendimento grupal. No Brasil, a terapia de grupo é utilizada em diversos campos teóricos e consiste em um dos mais importantes recursos terapêuticos para a assistência à saúde, principalmente à saúde mental. Ela promove interação, envolvimento dos usuários, troca de saberes, compartilhamento de emoções, sentimentos e histórias de vida (Sousa; Pinto; Jorge, 2010).

Os grupos podem ter diferentes objetivos, tais como suporte emocional, aprendizagem de tarefas, convívio e socialização, autocuidado ou psicoterápico. Seu planejamento deve ter como horizonte a elaboração de práticas produtoras de saúde, curativas, cuidadoras e preventivas, a fim de que os participantes sejam mais autônomos (Dias; Silveira; Witt, 2009).

Algumas características são desejáveis a um facilitador de grupo, pois sua importância vai além do papel de figura transferencial, recai na real pessoa do facilitador em sua função. Elas incluem: gostar e acreditar em grupos; ter coerência, senso de ética, respeito e paciência; refletir e estimular essa função nos participantes; ter e exercer empatia. Tais atributos não devem ser entendidos como uma exigência intimidadora, mas como características importantes à figura do facilitador de um grupo, seja ele qual for (Zimerman; Osório, 1997).

Quanto à finalidade, Zimerman; Osório (1997) classificam as grupoterapias em dois grandes ramos: operativo e psicoterapêutico. O primeiro concentra-se na execução de uma proposição do facilitador. O segundo propõe-se à aquisição de insights de aspectos inconscientes do participante e da totalidade grupal. O Grupo Tecer Cuidados enquadrou-se nesta categoria de grupo psicoterapêutico.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de método qualitativo, no formato relato de experiência, sistematizando um grupo psicoterapêutico desenvolvido e conduzido por dois psicólogos residentes da RIS-ESP/CE de Quixadá-CE.

A inserção dos programas da RIS-ESP/CE nas cidades do interior do estado vem para contribuir e ampliar o cuidado em saúde à população. À época, as equipes de residência do município dividiam-se em três ênfases,

Saúde Mental Coletiva, Saúde da Família e Comunidade e Saúde Coletiva. Eram equipes compostas por diversas categorias profissionais, dentre elas assistente social, nutricionista, enfermeira, profissional de educação física, fisioterapeuta, psicóloga, entre outras. A atuação desses residentes se pautou nas demandas de saúde dos usuários e necessitou que as estratégias de intervenção atuassem nos determinantes sociais de saúde da população. Dentre algumas atividades desenvolvidas no período estavam a realização de atendimentos compartilhados, atendimentos individuais e grupais, visitas aos domicílios dos usuários, discussão de casos clínicos e construção de Projetos Terapêuticos Singulares, atividades de educação em saúde com grupos populacionais. Essa atuação visou à ampliação e ao fortalecimento das políticas públicas de saúde desenvolvidas no município, com foco nas ações de prevenção e promoção de saúde sempre em diálogo com os atores sociais envolvidos. O GTC configurou-se, portanto, como uma dessas atividades estratégicas executadas pelos residentes.

O grupo coadunou com os objetivos e diretrizes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a qual destina-se ao cuidado e atenção à saúde de pessoas em sofrimento ou transtorno mental e pessoas com necessidades advindas do uso de crack, álcool e outras drogas. Esta rede estrutura-se por meio dos componentes da atenção de urgência e emergência, da atenção residencial de caráter transitório, da atenção hospitalar, das estratégias de desinstitucionalização, da reabilitação psicossocial, da atenção básica em saúde e da atenção psicossocial especializada. Esta última tem como ponto de atenção o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), o qual organiza-se nas modalidades CAPS I; CAPS II; CAPS III; CAPS AD; CAPS AD III e CAPS Infantil (Brasil, 2011).

Em relação à sua rede de saúde, Quixadá conta com um CAPS II, centro este voltado em especial para o público que sofre com transtornos mentais graves e persistentes; um CAPS AD, o qual destina-se a adultos ou crianças e adolescentes com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas; um hospital municipal, com leitos psiquiátricos; além de outros equipamentos de saúde como Unidade de Pronto Atendimento, hospital maternidade e Unidades Básicas de Saúde (UBS).

O município tem sua população de aproximadamente 84 mil pessoas, segundo o último censo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), caracteriza-se como um polo universitário no estado, conta com sete Instituições de Ensino Superior, públicas e particulares. Muitos desses acadêmicos utilizam a rede municipal de saúde. Segundo Mesquita (2018) mais de 75% da população brasileira dependem exclusivamente do SUS. Desta forma, no município a atenção psicossocial é acessada também através do SUS, entretanto nem sempre esses estudantes encontram acolhimento para suas demandas, seja pela falta de profissionais disponíveis no nível primário ou pela existência de filas de espera no nível de atenção especializada, como nos CAPS.

Os encontros do GTC ocorreram na UBS – Centro, um dos cenários de atuação dos profissionais residentes, nos meses de agosto a novembro de 2019, e totalizou 12 encontros. O projeto foi divulgado através de mídias sociais e as inscrições foram realizadas através de formulários online. Foram selecionados apenas inscritos que se enquadravam no perfil de estudante universitário no município. Inicialmente foram 27 pré-inscritos, mas apenas 11 estudantes compareceram ao primeiro encontro e, no decorrer do semestre, houve desistência de 2 participantes. Esses estudantes pertenciam aos cursos das áreas de tecnologia, engenharia ou licenciatura. O grupo foi do tipo fechado, sem inclusão de novos participantes, no intuito de permitir maior aprofundamento do vínculo entre facilitadores e participantes e dos conteúdos a serem trabalhados. As temáticas e os recursos utilizados eram avaliados semanalmente a fim de se adequarem às demandas surgidas.

Esse estudo foi conduzido dentro dos padrões éticos em pesquisa, conforme Resolução CNS Nº466/2012 e complementares.

3 RESULTADOS: DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS

A construção dos primeiros encontros baseou-se na literatura científica e na própria experiência prática dos profissionais envolvidos. Entretanto, como o grupo é dinâmico e não se conhecia antecipadamente todas as demandas dos participantes, os demais encontros foram planejados semanalmente baseando-se nos *feedbacks* e necessidades advindas do grupo. Destarte a

subjetividade grupal e individual pôde ser abarcada, potencializando assim sua terapêutica.

3.1 Encontro 1

No primeiro encontro, realizou-se uma atividade para que cada um se apresentasse e falasse o que trazia consigo que poderia agregar e contribuir com o grupo.

Em seguida, os facilitadores apresentaram a proposta do GTC, enfatizaram a importância do elo que iniciava ali, do respeito, do sigilo e do compromisso de cada um com o grupo. Firmaram o contrato inicial, pactuando regras de convivência e funcionamento dos encontros a fim de orientar a interação dos membros e ajudar a criar uma entidade física, um grupo coeso (Yalom, 2006).

Por último, foi entregue aos membros um portfólio para registro livre dos impactos e afetos que sentiriam no decorrer do percurso. O material produzido seria compartilhado com todos ao fim do projeto, caso desejassem. Através das falas dos estudantes, percebeu-se grande expectativa e entusiasmo com o grupo que se iniciava ali.

3.2 Encontro 2

Iniciou-se com o compartilhamento de acontecimentos e sentimentos de cada estudante acerca da semana anterior. Esse momento repete-se nos encontros seguintes, de forma que não se fará mais necessário mencioná-lo.

Seguiu-se com uma atividade corporal para trabalhar confiança, ritmo de vida e tempo cronológico e psicológico. Para compartilhar as sensações experimentadas, realizou-se uma roda de conversa, um método de participação coletiva para se debater temáticas através do diálogo, expressão e escuta dos envolvidos por meio do exercício reflexivo (Moura; Lima, 2014).

Por fim, para aprofundar a temática, uma segunda roda de conversa trouxe perguntas disparadoras pelos facilitadores: “Quais foram os momentos mais felizes da sua vida?”; “Já se preocupou com algo no passado que hoje acha irrelevante?”; “Já teve um sonho que marcou a sua vida?”; dentre outras. Os estudantes falaram sobre como se relacionavam com as fases da vida e como as relações sociofamiliares influenciaram suas personalidades, suscitando emoções fortes em alguns ao entrarem em contato com seus pensamentos e sentimentos sobre o tema. Foi perceptível a entrega dos

participantes à vivência. A partir das discussões, alguns concluíram que seria no tempo aqui-e-agora a real possibilidade de ação e mobilização para a vida.

3.3 Encontro 3

Deu-se ênfase à necessidade do cuidado mútuo e à importância dos vínculos afetivos. A atividade consistiu em uma roda de conversa sobre saúde mental. Cada estudante falou sobre sua característica pessoal mais forte considerada pilar para sua saúde mental. Refletiu-se também sobre quais características eram pouco desenvolvidas em si, mas que percebiam necessidade de fortalecimento.

Finalizou-se o encontro com o compartilhamento dos afetos sentidos na vivência anterior. Perceber afetos permite dar novos sentidos a eles, possibilita também a transformação do mundo a partir dessas percepções (Tonelli, 2002). Ademais, ao refletir sobre características individuais, consegue-se compreender melhor habilidades pessoais e como elas auxiliam nas relações humanas, as quais afetam os mais diversos campos da vida, inclusive o acadêmico.

3.4 Encontro 4

A temática trabalhada neste encontro tratou das motivações e escolhas profissionais dos estudantes e sobre os sentimentos e expectativas acerca do futuro profissional. No período acadêmico são vivenciados sentimentos de insegurança e medo acerca da carreira profissional a ser seguida, além das expectativas criadas com o mercado de trabalho (Victoria *et al.*, 2013; Arino; Bardagi, 2018).

Para a atividade proposta, os estudantes expressaram seus pensamentos e reflexões através de recursos expressivos e não-verbais: giz de cera, tinta guache, pincel, lápis de cor e papel A4, com a finalidade de se materializar símbolos e possibilitar a expressão e comunicação a fim de resgatar e ampliar a criatividade humana (Philippini, 1998).

Em seguida, cada um compartilhou sua produção para o grupo, falando sobre o que surgiu de sentimento, medos e receios relacionados aos seus projetos de vida e escolhas profissionais.

Ao fim, os facilitadores acolheram as falas expostas pelos estudantes e validaram seus sentimentos, fortalecendo suas qualidades e competências em desenvolvimento.

3.5 Encontro 5

Propôs-se uma atividade em formato de roda de conversa para troca de saberes. Os participantes conversaram sobre os seus posicionamentos frente a diversas etapas da vida. Para introdução à temática, algumas perguntas norteadoras foram disparadas: “O suporte sociofamiliar é importante para superar suas dificuldades?”; “Você se lembra de alguma situação difícil superada no passado?”; “Você tem alguma estratégia para lidar com sentimentos ruins?”; “Você conversa sobre os seus problemas com alguém?” A roda permitiu que o grupo gerasse reflexões a partir da construção de sentidos individuais e coletivos.

Encerrou-se com um momento de *feedbacks* sobre a temática, possibilitando a construção e ampliação de novos sentidos de vida.

3.6 Encontro 6

Deu-se ênfase às situações de conflitos que estavam se destacando no atual momento da vida acadêmica, pois um dos temas que sempre emergia nos encontros anteriores dizia respeito à ansiedade e estresse causados pelo contexto universitário, além do medo e das incertezas perante o futuro.

Compreendendo que esses temas se conectam e fazem parte do cotidiano desses estudantes, percebeu-se necessário mais espaço para que se pensasse acerca dos conflitos internos existentes nesse período de vida. Tal momento é também marcado pela necessidade de escolhas, e, para realizá-las “o formando deve possuir conhecimento acerca de si mesmo, de suas aptidões, gostos, interesses, habilidades, valores, competências e sentimentos em relação ao trabalho” (Dias; Soares, p. 279, 2012), o qual fará parte das suas vidas em um futuro muito próximo.

As falas de cada presente foram similares entre si, corroborando os sentimentos e angústias já citados anteriormente nas pesquisas no campo da saúde mental no contexto universitário.

3.7 Encontro 7

Esse encontro contemplou a temática *felicidade*. Os estudantes puderam pensar quais sentidos essa palavra trazia para si, representando-os por meio da argila, um recurso não-verbal o qual tem como universo predominante a sensorialidade e materialidade. Facilitou-se assim a expressão da singularidade criativa de cada presente, permitindo-lhe possibilidades de ser

que ainda são desconhecidas (Philippini, 1988). Foi percebido que o recurso resgatou um universo infantil e trouxe bastante empolgação durante o momento, fazendo com que a criatividade surgisse sem maiores resistências. Alguns desde o período escolar não utilizavam o recurso e outros nunca tinham utilizado.

Concluiu-se o encontro com a apresentação das produções. Discutiu-se os sentidos da palavra felicidade construídos e internalizados, e muitas vezes influenciados pelo círculo sociofamiliar, o que nem sempre é percebido com clareza. Falar sobre o tema possibilitou que o grupo gerasse conexões e ampliação desses sentidos.

3.8 Encontro 8

Trabalhou-se com a temática da escolha da profissão e carreira dos estudantes. Os facilitadores fizeram uma fala inicial sobre o contexto geral em que os acadêmicos vivenciam e sobre decisões e escolhas necessárias referentes às suas futuras profissões.

Através de perguntas disparadoras, o grupo discutiu e elaborou melhor o tema através da troca de saberes e compartilhamento de ideias. Dentre as perguntas escolhidas, destacam-se as seguintes: “O que o trabalho traz de importante para você?”; “Qual o significado do trabalho para você?”; “Que tipo de profissional você quer ser?”; “Qual seu objetivo de vida como profissional?”

Concluiu-se o encontro com outra roda de conversa acerca de pontos fundamentais que perpassam esse momento de escolha de carreira dentro da vida acadêmica, como a condição socioeconômica que interfere nas trajetórias profissionais.

3.9 Encontro 9

Realizou-se uma atividade guiada de consciência corporal, segundo Philippini (1988), a via da consciência corporal e exercícios de relaxamento e respiração podem facilitar desbloqueios e permitir mais fluência no processo criativo. A atividade permitiu que os estudantes relembassem o que os motivou à inscrição no GTC e o que havia mudado desde então e o que ainda faltavam desenvolver para o futuro.

Na segunda parte da atividade, propôs-se ao grupo a elaboração da vivência anterior por meio de recursos expressivos a fim de se facilitar a expressão da subjetividade e criatividade (Philippini, 1988). Com tinta guache,

giz de cera e lápis de cor, os estudantes puderam transcorrer para o papel o futuro que imaginaram durante a realização da atividade anterior. Junto a isso, foi pedido também que acrescentassem quais estratégias eles poderiam utilizar para chegar a esse futuro imaginado, a fim de que identificassem estratégias para lidar com as possíveis adversidades da vida.

O encontro foi encerrado a partir do compartilhamento das produções e *feedback* do momento. Os estudantes, além de compartilharem as obras e darem sentidos às construções feitas, puderam expor os sentimentos que giram em torno do contexto universitário e a relação destes com as suas expectativas para o futuro profissional. Puderam também ter percepção de que muitas vezes já possuem estratégias para lidar com os momentos de ansiedade ou estresse, e que podem desenvolvê-las melhor quando necessário.

3.10 Encontro 10

Iniciou-se com um relaxamento corporal. Em seguida, houve uma atividade voltada para o fortalecimento e validação de competências individuais.

Os integrantes transcreveram para o papel quais características eles possuíam e que consideravam fortes e benéficas, ajudando-lhes quando necessário. Segundo Silva e Teixeira (2012), nem sempre estudantes universitários compreendem que suas competências são passíveis de serem aprendidas e desenvolvidas, e tendem a associá-las a atributos pessoais apenas. Além disso, é preciso saber aplicá-las em situações da vida real, ajustando às necessidades dos diferentes contextos. Ainda segundo as autoras, quando esse momento de reflexão sobre o processo de formação acontece, o desenvolvimento dessas competências pode ocorrer de forma mais ativa.

Ao fim, os facilitadores validaram qualidades e características positivas compartilhadas pelo grupo, dialogando com os estudantes sobre a importância da autopercepção para lidarem com os desafios que surgirão ao longo de suas vidas.

3.11 Encontro 11

Este encontro não ocorreu, pois apenas um membro compareceu. Soube-se depois que a maioria dos estudantes estava em período de provas do semestre letivo. A atividade prevista foi adiada para o encontro seguinte.

Esta ausência na penúltima semana também pode ser analisada a partir da dinâmica grupal (Yalom, 2006) aborda a dificuldade de terminos de grupos como um momento difícil para os membros terem que lidar, alguns sentimentos gerados podem resultar em comportamentos de atraso ou maior ausência, tentando evitar o fim. Não se pode afirmar que a ausência desse dia ocorreu para evitar o confronto com a finalização do projeto, entretanto a coincidência da falta coletiva também pode ser pensada como parte do processo de conclusão.

3.12 Encontro 12

Como última vivência, foi realizada uma atividade para compartilharem os projetos futuros após a conclusão do grupo, essa etapa é parte integral e positiva da terapêutica do grupo, e inclui revisão, luto e celebração de um novo começo (Yalom, 2006). As reflexões foram compartilhadas em meio às falas de agradecimentos e despedidas do grupo.

Os estudantes ressaltaram a importância do GTC e seus benefícios que levariam para suas vidas. Era a primeira vez que participavam de um projeto dessa forma no município, e agradeceram aos facilitadores pela disposição e elaboração do GTC. Alguns compartilharam os portfólios produzidos durante o semestre. Realizados em formato de diário, os estudantes utilizaram-se de letras de músicas, desenhos, pinturas, poesias, entre outros para registrarem os afetos sentidos no decorrer dos encontros.

Foi um momento também de confraternização com música e comida. O encontro foi encerrado com bastante descontração e alegria por parte de todos os integrantes e facilitadores do GTC.

4 DISCUSSÕES

O projeto GTC foi recebido com entusiasmo pela gestão local. A principal barreira foi a pouca oferta de espaço físico no período noturno, turno de maior disponibilidade dos estudantes. O que foi sanado com o acordo realizado entre residentes e gestão municipal para abrir a unidade nesse horário exclusivamente para as atividades da RIS.

No decorrer dos encontros, percebeu-se que o manejo clínico das intervenções realizadas pelos profissionais evoluiu na medida em que a relação com o grupo era construída, em um processo dialético, possibilitando crescimento e desenvolvimento psíquico a todos. Se “a pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico” (Jung, 2013, p. 13), é possível compreender que o grupo também se comporta como vários sistemas psíquicos em constantes interações, de modo a produzir novas sínteses. Estas foram possíveis porque em cada encontro houve espaço para falas, trocas, compartilhamento de emoções e afetos sentidos e gerados.

Percebeu-se também a partir dos relatos dos participantes o quão importante foi este projeto para eles e como o grupo contribuiu para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento às situações de estresse no contexto acadêmico. A própria retórica de cada participante evoluiu encontro a encontro, o vocabulário das emoções foi ampliado, o autoconhecimento, a ampliação da consciência de si e das emoções bem como conhecimentos, habilidades e competências foram fortalecidas e desenvolvidas.

Tais constatações sugerem um possível alcance quanto ao objetivo psicoterapêutico trazido pela classificação de Zimerman e Osório (1997) referente à aquisição de insights, aumento da autoestima e do desenvolvimento pessoal dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do GTC sistematizada fomentou reflexões em encontros de gestão a nível local e contribuiu para a assistência à saúde mental. Deixou-se o legado de uma estratégia de cuidado, uma experiência de sucesso durante o percurso de uma formação profissional.

No campo prático, os residentes se desenvolveram, colocando-se à prova na aplicação da teoria, puderam compreender que no campo as relações constroem-se além das teorias e técnicas. Os profissionais ampliaram, ainda, as ações de saúde mental da população jovem ao orientarem-se pela demanda advinda desse grupo, de forma a fortalecer as políticas públicas de saúde desenvolvidas no município.

Através das falas de agradecimento e *feedbacks* positivos dos integrantes, percebeu-se que o cuidado foi tecido no decorrer dos encontros e a assistência à saúde mental aos estudantes foi dada, constatando-se que o GTC alcançou o seu objetivo.

Apesar da experiência exitosa, a saída da equipe de profissionais do município ao término do período da Residência descontinuou a atenção à saúde mental desses jovens. Este impacto sugere a necessidade de melhorias na articulação de futuros projetos realizados por profissionais da RIS, o que também destaca a importância da implementação de ações permanentes que visem à atenção e promoção da saúde mental dessa população, seja em serviços de saúde como nas UBS e nos CAPS seja no campo da educação, como nas instituições de ensino superior.

REFERÊNCIAS

ARINO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-52, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472018000300005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 14 jun. 2020.

BARROS, Melissa Seelig Pamplona Barros; WILHELM, Fernanda Ax. Caracterização das situações estressantes vivenciadas por jovens universitários no extremo norte do país. *Rev. Bras. de Iniciação Científica (RBIC)*, Itapetininga, v. 6, n.2, p. 27-45, abr./jun., 2019. Disponível em <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1083>>. Acesso em 12 jul. 2020.

BRASIL. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Brasília, 2011.

CARLETO, Cíntia Tavares; MOURA, Raysa Cristina Dias; SANTOS, Virgínia Souza; PEDROSA, Leila Aparecida Kauchakje. Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. *Rev Eletr Enf*, 2018;20:1-11. DOI: 10.5216/ree.v20.43888.

DIAS, Valesca Pastore; SILVEIRA, Denise Tolfo; WITT, Regina Rigatto. Educação em saúde: o trabalho de grupos em atenção primária. *Rev ASP*, 2009;12:221-7.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. 2, pág. 272-283, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893201200020002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico, 2010*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf>. Acesso em 24 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Índice de Desenvolvimento Humano*. 2022. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quixada/panorama>. Acesso em 10 set. 2025.

JUNG, Carl Gustav. *A prática da Psicoterapia*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA; Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Interfaces da Educ.*, Parnaíba, v.5, n.15, p.24-35, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>. Acesso em: 24 nov. 2020.

OSORIO, Luiz Carlos. *Grupoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PENHA, Joaquim Rangel Lucio; OLIVEIRA, Cleide Correia; MENDES, Ana Virgínia Silva. Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, v. 5, n. 1, p. 369–395, 2020.

PHILIPPINI Ângela. Mas o que é mesmo Arteterapia? Imagens Transform: *Rev Arte-terapia*. 1998; 5(5): 4-9.

SILVA, Bárbara Maria Barbosa; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Autopercepção de competências transversais de trabalho em universitários: construção de um instrumento. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 17, n. 2, p. 199-206, Ago. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X201200020002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2020.

SOUSA, Djanira Luiza Martins; PINTO, Antônio Germane Alves; JORGE, Maria Salete Bessa. Tecnologia das relações e o cuidado do outro nas abordagens terapêuticas grupais do centro de atenção psicossocial de Fortaleza-Ceará. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 147-154, Mar. 2010.

SOUZA, Ândrea Cardoso; RIVERA, Francisco Javier Uribe. A inclusão das ações de saúde mental na Atenção Básica: ampliando possibilidades no campo da saúde mental. *Tempus Actas Saude Colet*. 2010; 4(1):105-14.

TONELLI, Maria José. Produção de sentidos: tempo e velocidade nas organizações. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26., 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002.

VICTORIA, Mara Sizino, *et al.* Níveis de Ansiedade e Depressão em Graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *Encontro Revista de Psicologia*, 2013, 16(25):163-165. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2447/2345>>. Acesso em: 19. Jun. 2020.

YALOM, Irvin D. *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZIMERMAN, David Epelbaum; OSORIO, Luiz Carlos. *Como Trabalhamos com Grupos*. Porto Alegre: Editora Artes médicas, 1997.